

# Gramaticalização de ‘aí’ no português falado do interior paulista

(Grammaticalization of ‘aí’ in spoken Portuguese of northwest of São Paulo state)

Edson Rosa Francisco de Souza<sup>1</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campus de Três Lagoas (UFMS)

edsrosa@yahoo.com.br

**Abstract:** This paper aims at analyzing the multifunctional uses of *aí* (there) based on the perspectives of Grammaticalization theory (TRAUGOTT, 1982, 1995) and Functional Discourse Grammar (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008). The proposal is to show that the grammaticalization process of *aí* in spoken Portuguese of northwest of São Paulo state may be analyzed according to the levels and layers of FDG organization.

**Keywords:** Grammaticalization; Functional Discourse Grammar; Item *aí*.

**Resumo:** O objetivo deste artigo é analisar os usos multifuncionais de *aí* a partir do diálogo entre os postulados teóricos da Gramaticalização (TRAUGOTT, 1982, 1995) e da Gramática Discursivo-Funcional (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008). A proposta é mostrar que o processo de gramaticalização de *aí* no português falado do noroeste paulista (IBORUNA) pode ser analisado conforme os níveis e as camadas de organização da GDF.

**Palavras-chave:** Gramaticalização; Gramática Discursivo-Funcional; Item *aí*.

## Introdução

Nos estudos linguísticos, a classe adverbial é em geral definida como heterogênea (ILARI et al, 1990; CASTILHO, 1997; NEVES, 1992; LONGHIN-THOMAZI, 2006; LOPES-DAMÁSIO, 2008, dentre outros). Em um trabalho sobre os itens adverbiais, Ilari et al (1990, p. 85) assinalam que alguns advérbios, em especial os dêiticos, podem aplicar-se “a unidades cujas dimensões ultrapassam não só os limites dos constituintes, como também os da sentença”. Para os autores, essa passagem do plano referencial para o plano discursivo acontece porque “entre a dêixis propriamente dita e a anáfora, e entre a anáfora e as operações discursivas, há um progressivo esvaziamento da dimensão espaço-temporal, na medida em que o discurso se torna a dimensão de referência” (p. 86). Para Braga (2001), é exatamente essa instabilidade funcional que permite ao item adverbial exercer diferentes funções linguísticas.

Com base nessas primeiras observações sobre os advérbios, o objetivo do trabalho é analisar os usos de *aí* no português falado do interior paulista, a partir dos postulados teóricos da Gramática Discursivo-Funcional (GDF – HENGEVELD; MACKENZIE, 2008) e da Gramaticalização (GR – HOPPER; TRAUGOTT, 1993; TRAUGOTT, 1995; etc.), tendo em vista suas funções dêiticas, textuais, interacionais. O intuito é mostrar que o item linguístico *aí* pode ser perfeitamente analisado com relação aos níveis (Representacional e Interpessoal) e às camadas (semânticas e pragmáticas) de organização da GDF, no sentido de que a sua expansão funcional nos níveis e nas camadas da GDF pode ser elencada como uma evidência linguística de que o item está se gramaticalizando no português, rumo à

dimensão pragmática da língua.

O artigo está organizado assim: a seção 1 é uma introdução, e a seção 2 traz uma breve discussão sobre advérbios e gramaticalização. A seção 3 trata da GDF. A seção 4 traz a análise de *ai* no português falado do noroeste paulista. Em seguida, em 5, listamos algumas generalizações dos usos de *ai*. Por fim, trazemos as considerações finais.

## O advérbio ‘*ai*’ e o processo de gramaticalização

A multifuncionalidade do item *ai* é decorrente da própria natureza heterogênea da classe adverbial à qual pertence. A instabilidade categorial de *ai* e de outros itens adverbiais aponta para um processo de mudança linguística desses elementos linguísticos. Por isso, a classificação dos advérbios como uma categoria discreta é problemática. Desde a tradição filosófica de Barbosa (1881) até gramáticos mais modernos como Bechara (1999) e Cunha e Cintra (1985), a classe dos advérbios se diferenciou das demais devido principalmente a dois critérios, um *morfológico* e outro *semântico*. Pelo primeiro critério, os advérbios consistem em palavras “invariáveis” ou “indeclináveis” e, pelo segundo, indicam as circunstâncias da ocorrência de um determinado estado-de-coisas, como *lugar*, *tempo*, *quantidade*, *modo*, *qualidade*, *afirmação*, *dúvida*, *intensidade*, *negação*, entre outras. No entanto, essa classificação só dá conta dos usos que se restringem à predicação (DIK, 1997), nada dizendo sobre os casos de advérbios que fogem desse contexto, ultrapassando os limites da oração.

Um exemplo de *ai* como advérbio de lugar é dado em (1):

- (1) eu tenho uma colega...e a casa dela fica **ai** (AC-056-NR; L.123)

Em (1), *ai* é um advérbio de lugar (um elemento referencial), cuja função é indicar a localização da casa do falante. Nesse caso, o item *ai* atua como argumento do verbo *ficar*. Diferentemente de (1), em (2) o item *ai* é usado como advérbio anafórico:

- (2) Vestibular chegando! Que medo! Unesp, Unicamp e USP, **ai** vamos nós.

O que se vê em (2) é um uso muito frequente no português brasileiro. Nesse exemplo, o item *ai* funciona como um advérbio anafórico (dêitico fórico), fazendo referência a entidades que designam lugar: Unesp, Unicamp e USP.

Observe, agora, a ocorrência (3) de *ai* como advérbio fórico:

- (3) vai chegar... por exemplo... VINTE portugueses por exemplo trinta... e (vinha) vai chegar vinte trinta **ai em Rio Preto**... - ” ENTÃO... (inint.) como que era a função do pai dele o pai dele tinha a função de distribuir esses portugueses que eles chegavam não tinha emprego não tinha lugar... (AC-119; NR: L. 97)

Tratados ora como “proformas adverbiais” (PAIVA, 2003; RONCARATI, 2003) ora como “unidades pré-fabricadas” (ERMAN; WARREN, 2000), a verdade é que itens como *ai* e *agora*, quando combinados com um sintagma preposicionado, podem tanto fazer remissões anafóricas quanto remissões catafóricas. Segundo Oliveira e Melo (2003), usos como (3) não interferem totalmente no sentido de espaço físico de *ai*, tanto que, em “*ai em Rio Preto*”, o traço locativo ainda persiste no novo uso.

Um outro uso de *ai* que também é recorrente no português é dado em (4):

- (4) *João chegou, aí a Maria foi embora.*

Em (4), o item *aí* indica o sequenciamento temporal entre as duas orações, o que serve como inferência para o estabelecimento da relação de causa/efeito entre as duas unidades semânticas. A leitura de *aí* como conjunção coordenativa conclusiva é possível, mas em menor proporção. O exemplo (4) já é um uso mais gramaticalizado.

Além desses casos, Braga e Naro (2000) e Braga e Paiva (2003) elencam outros usos de *aí* que também operam na organização do texto e do discurso:

- (5) *Aí* bota meio copo de óleo. *Aí* você bate no liquidificador e depois tira e bota numa vasilha. (BRAGA; NARO, 2000, p. 128).

O uso de *aí* em (5) é classificado por Braga e Naro (2000) como um caso de *juntivo*, em que o objetivo do item é unir/juntar dois eventos. Já em (6), o uso de *aí* é classificado por Braga e Paiva (2003) como um caso de *organizador de tópico*:

- (6) F.: passando, assim, um sermão. *Aí* lá pelas tantas do sermão, eu parei, olhei para ela... e ela quietinha me ouvindo. A Nique, ela, sabe? Um...uma coisa assim, que ela só escuta...  
E.: Ham...  
E.: Ela só assim. Ó, mãe, não tanto assim, mãe. Mãezinha, não assim. Mas isso, o Maximo que ela diz... *Aí* lá pelas tantas, eu parei, olhei para a carinha dela. (PEUL, Amostra-80, 43)

Segundo Braga e Paiva, em (6), extraído das autoras, o item *aí* auxilia na organização do tópico discursivo. Isto é, para as autoras, em (6), *aí* encabeça orações que sinalizam o fechamento e a reativação do sub-tópico discursivo (2003, p. 11).

Como se observa, o item *aí* está se gramaticalizando e exercendo diferentes funções no português, razão pela qual propomos que *aí* pode ser descrito de acordo com os níveis e as camadas de organização da linguagem proposta pela GDF. Para tanto, a GR é definida aqui como um processo de mudança linguística de caráter unidirecional, no interior do qual itens ou “construções lexicais” (TRAUGOTT, 2003) passam a exercer funções gramaticais, podendo, ainda, assumir outras funções gramaticais com a continuação do processo. Nesse sentido, sempre que um item lexical adquire uma função gramatical (ou uma função ainda mais gramatical, se o item for gramatical), o que se tem é um típico caso de GR. As construções (7) e (8) com o verbo *gi* “dar”, da língua Akan, da família Niger-Congo (Gana, África), ilustram esse processo:

- (7) Akan (SEBBA, 1987, p. 50)  
*Kofi gi Amba wan buku*  
Kofi dar Amba um livro  
'Kofi deu a Amba um livro.'

- (8) Akan (SEBBA, 1987, p. 50)  
*Kownu seni wan boskopu gi Tigri*  
Rei enviar uma mensagem dar Tiger  
'O Rei enviou uma mensagem para Tiger.'

Ambas as construções apresentam três argumentos (sujeito, objeto direto e objeto indireto/recipiente), no entanto, em (7), o argumento recipiente *Amba* é introduzido na

sentença sem o auxílio de preposição (forma não marcada), ao passo que em (8) o argumento recipiente *Tiger* é introduzido por meio do verbo serial *gi* “dar”. O que se observa nesses exemplos é que, em (7), *gi* é usado como verbo pleno, enquanto em (8) o verbo *gi* é usado com o significado da preposição *para* (*to/for*, do Inglês). Isso acontece porque, em Akan, a alternância de construções, que é uma característica do Inglês (como em *I gave the book to John = I gave John the book*), só é possível por meio do uso do verbo *gi* em série. De acordo com Schiller (1999), as línguas que não dispõem de muitas preposições para inserir o terceiro argumento do verbo na sentença tendem a empregar os verbos seriais como forma gramatical para exercer essa função. Nesse sentido, é por assumir uma nova função na gramática da língua, a de preposição, que o verbo *gi* é elencado como um caso de GR. Isto é, de verbo pleno (predicado de três lugares), *gi* passou a exercer a função de preposição.

Dos autores que discutem questões sobre mudança linguística, chamamos a atenção para Heine et al. (1991), Hopper e Traugott (1993) e Bybee (2003), que compartilham de uma noção semelhante de GR, assentada basicamente no reconhecimento de que a passagem de um item lexical a um item gramatical ocorre de maneira gradual, num sentido unidirecional. Em outras palavras, o que essas propostas têm em comum é que a distinção entre elementos lexicais e elementos gramaticais não é entendida de forma *dicotômica* (ou é lexical ou é gramatical), mas sim como *continuum* de GR, que aponta para existência de categorias não-discretas (híbridas), que se distribuem entre os dois extremos desse *continuum* [+ Lex → + Gram].

Heine et al. (1991) definem a GR utilizando os conceitos de *palavra-fonte* e *palavra-alvo*. Para os autores, as palavras-fonte são aquelas que atuam como fonte do processo de mudança linguística, uma vez que são elementos que possuem significação própria e tendem a codificar objetos concretos pertencentes ao mundo sócio-físico do falante/ouvinte (SWEETSER, 1991), e, por isso, estão geralmente associados a processos, localizações e ao sistema dêitico da língua. Já as palavras gramaticais (ou alvo), segundo Heine et al. (1991), são aquelas que estão mais estreitamente relacionadas a elementos abstratos da língua, sendo, portanto, desprovidas de significado próprio, característica esta que as coloca no rol de palavras que são dependentes de outras palavras ou então do contexto de uso. São exemplos de palavras gramaticais os auxiliares, os clíticos e os afixos (prefixos, infixos e sufixos).

Na proposta de Heine et al. (1991), a GR é definida como processo cognitivo, em que conceitos concretos (espaço físico, tempo, etc.) são utilizados para compreender, descrever ou explicar fenômenos mais abstratos (articulação de orações) pertencentes à língua. Dessa forma, os autores explicam que o ‘surgimento’ de *novas formas* linguísticas é motivado por questões pragmáticas ou interacionais, a partir de associações metafóricas e metonímicas realizadas pelo falante.

A definição de GR de Traugott (1982), Hopper e Traugott (1993) e Traugott (1995), compatível com a GDF, entende a mudança linguística como um processo de *pragmatização*, em que usos mais gramaticais e abstratos passam a atuar no domínio comunicativo, exercendo funções mais expressivas, dentre as quais estão os usos de itens linguísticos como marcador discursivo, operador aproximativo, etc.

Do ponto de vista diacrônico, não há como negar, segundo Hengeveld e Mackenzie (2008), que os fenômenos gramaticais derivam unidirecionalmente de unidades lexicais.

É uma questão que tem sido, conforme os autores, atestada nos estudos de GR. Hengeveld e Mackenzie reconhecem ainda que, do estágio inicial ao estágio final de mudança, um dado elemento pode compartilhar ou conservar propriedades dos estágios iniciais, aspecto que é captado pelo princípio da *persistência* de Hopper (1991). Já do ponto de vista sincrônico, Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 7) postulam uma distinção “didática” entre elementos lexicais e elementos gramaticais (KEIZER, 2007), na medida em que ela é “importante para o modo como esses elementos serão analisados na GDF”. Isso significa dizer que, apesar de não ser discutido na GDF, os autores reconhecem que as categorias lexicais e gramaticais não são categorias discretas, o que referenda a noção de *continuum* de alguns autores. No entanto, entendem que a distinção entre um uso e outro é essencial para a análise.

## **A Gramática Discursivo-Funcional**

De acordo com Hengeveld e Mackenzie (2008), a GDF é definida pelos seguintes aspectos: (i) busca modelar a competência gramatical de usuários das línguas; (ii) assume o ato discursivo, não a oração, como unidade básica de análise; (iii) a GDF interage sistematicamente com os componentes conceitual, contextual e de expressão, que antes não tinham sido contemplados na Gramática Funcional de Simon Dik; (iv) a organização hierárquica da GDF é descendente (parte das intenções comunicativas), enquanto a da Gramática Funcional (GF) é ascendente, e, por fim, (v) a GDF inclui as representações morfossintáticas e fonológicas como parte da estrutura subjacente.

Para Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 2), a GDF é uma teoria que busca entender como as unidades linguísticas são estruturadas em termos do mundo que elas descrevem e das funções comunicativas que elas expressam na língua. Para a GDF, o discurso constitui o suporte das unidades linguísticas de níveis mais baixos. Assim, a GDF inicia-se com a formulação da intenção do falante, finalizando com a realização da expressão linguística, enquanto a GF inicia-se com a seleção de itens lexicais para, em seguida, expandir gradualmente a estrutura subjacente da oração para outras camadas.

O modelo da GDF é estruturado em quatro níveis de organização, em que cada nível é concebido como um módulo separado e internamente organizado em camadas de complexidade linguística. Um diferencial da GDF é o reconhecimento de um componente contextual e um componente cognitivo, que contêm elementos essenciais do contexto e da cognição, considerados relevantes para os demais módulos da gramática. O componente gramatical (que engloba os quatro níveis de organização da linguagem) é conectado ao componente conceitual, ao contextual e de expressão.

Uma outra distinção é que, na GDF, a pragmática governa a semântica, a pragmática e a semântica governam a morfossintaxe e, juntas, a pragmática, a semântica e morfossintaxe governam a fonologia. Essa mudança é, conforme Hengeveld e Mackenzie (2008), motivada pelo postulado de que a “eficiência de um modelo de gramática é tanto maior quanto mais se aproximar do processamento cognitivo”. Isso porque, embora a GDF não seja um modelo de processamento de linguagem, estudos psicolinguísticos demonstram que a produção linguística é um processo descendente, que parte do componente cognitivo em direção ao componente de expressão.

## **O Nível Interpessoal**

O nível interpessoal lida com os aspectos formais de uma unidade linguística que reflete seu papel na interação entre falante e ouvinte.<sup>1</sup> Segundo a GDF, as unidades discursivas relevantes nesse nível são hierarquicamente organizadas em camadas:

**Quadro 1: As camadas de organização do Nível Interpessoal**

$(\Pi M_1: [$	Movimento
$(\Pi A_1: [$	Ato
$(\Pi F_1: ILL (F_1): \Sigma (F_1))_\Phi$	Ilocução básica
$(\Pi P_1: \dots (P_1): \Sigma (P_1))_\Phi$	Falante
$(\Pi P_2: \dots (P_2): \Sigma (P_2))_\Phi$	Ouvinte
$(\Pi C_1: [$	Conteúdo Comunicado
$(\Pi T_1 [\dots] (T_1): \Sigma (T_1))_\Phi$	Subato de Adscrição
$(\Pi R_1 [\dots] (R_1): \Sigma (R_1))_\Phi$	Subato de Referência
$] (C_1): \Sigma (C_1))_\Phi$	Conteúdo Comunicado
$] (A_1): \Sigma (A_1))_\Phi$	Ato
$] (M_1): \Sigma (M_1))_\Phi$	Movimento

O *movimento* é definido na GDF como a camada mais elevada da hierarquia e descreve o segmento inteiro de discurso que é considerado relevante no processo de interação. Um movimento, por sua vez, é constituído de um ou mais *atos* temporalmente ordenados, que, juntos, formam o núcleo (simples ou complexo). Cada *ato discursivo* (A) se organiza com base em um esquema *ilocucionário* (ILL), que contém dois *participantes* (P), o Falante e o Ouvinte (S, A), e o conteúdo comunicado como seus argumentos. O *conteúdo comunicado* contém um número variável de *subatos adscritivos* (A) e *referenciais* (R), aos quais funções pragmáticas são atribuídas.

Para Hengeveld e Mackenzie (2008), o *movimento*<sup>2</sup> é o veículo utilizado na expressão de intenções comunicativas do falante e pode ser classificado em: iniciação (pergunta), reação (resposta) e avaliação.<sup>3</sup> Além dos casos de implicaturas (atos de fala indiretos), essas intenções podem ser: convite, informação, questionamento, ameaça, advertência, recomendação etc. Já a *ilocução* indica o propósito de nossos atos verbais e os *participantes* representam o falante e o ouvinte, enquanto o *conteúdo comunicado* contém a totalidade do que o Falante deseja evocar durante a interação.

O *conteúdo comunicado* pode conter um ou mais *subatos*, que são hierarquicamente subordinados a *atos discursivos*, e se diferencia do *conteúdo proposicional*, que é uma categoria semântica do nível representacional e tem como escopo os episódios e os eventos.

<sup>1</sup> Na GDF, o sequenciamento de ações linguísticas presentes em todas as camadas da hierarquia reflete, por assim dizer, a ordem das atividades estratégicas colocadas em prática pelo falante.

<sup>2</sup> Os exemplos (a) e (b) constituem casos de movimento com dois atos discursivos, em que um é definido como subordinado (dependente) e o outro, como nuclear:

a) O João, ele esteve aqui.  $(\Pi M_1: [(\Pi A_1: [\dots] (A_1))_{Orient} (\Pi A_2: [\dots] (A_2))_{Nucl}] (M_1))_\Phi$   
b) Ele esteve aqui, o João.  $(\Pi M_1: [(\Pi A_1: [\dots] (A_1))_{Nucl} (\Pi A_2: [\dots] (A_2))_{Corr}] (M_1))_\Phi$

<sup>3</sup> Os exemplos (i) e (ii) representam alguns tipos de movimento no português:

(i) A: *Onde você estuda?* (M1)<sub>Iniciação</sub>  
B: *Eu estudo em São Paulo.* (M2)<sub>Reação</sub>  
(ii) A: *Qual é a capital do Brasil?* (M A1)<sub>Iniciação</sub>  
B: *Brasília.* (M B<sub>Reação</sub>) *Por quê?* (M B2)<sub>Iniciação</sub>  
A: *Eu estou fazendo a minha lição de casa.* (M A2)<sub>Reação</sub>

Diferentemente da proposição, o conteúdo comunicado possui seus próprios operadores ( $\Pi$ ) e modificadores ( $\Sigma$ ) interpessoais e está sempre associado ao falante.

Os *subatos* contidos em um conteúdo comunicado podem ser: *adscritivo* e *referencial*. O *subato adscritivo* ( $\Pi T_1$ ) representa a tentativa do falante de evocar uma propriedade. Ao proferir, por exemplo, *Está nevando*, o falante evoca somente uma propriedade meteorológica sem fazer menção a nenhum referente; *nevar* não está sendo atribuído a algo, mas simplesmente ‘descrito’. O *subato referencial* ( $\Pi R_1$ ), por outro lado, ocorre quando o falante evoca um referente: *mulher, casa, gato*, etc.

## O Nível Representacional

O nível representacional lida com os aspectos formais de uma unidade linguística que reflete seu papel no estabelecimento de uma relação com o mundo real ou imaginário que ela descreve. Por isso, as categorias representacionais referem-se à designação e não à evocação (que ocorre no nível interpessoal). O nível representacional ou semântico cuida apenas da semântica de uma unidade linguística. As unidades semânticas do nível representacional são organizadas como:

**Quadro 2: As camadas de organização do Nível Representacional**

$(\Pi p_1):$	Conteúdo proposicional
$(\Pi ep_1):$	Episódio
$(\Pi e_1):$	Estado de coisas
$[(\Pi f_1): [Propriedade$	
$(\Pi f_1): \diamond (f_1): [\sigma (f_1)_\phi]$	Propriedade lexical
$(\Pi x_1): \diamond (x_1): [\sigma (x_1)_\phi]_\phi$	Indivíduo
...	
$] (f_1): [\sigma (f_1)_\phi]$	Propriedade
$(e_1)_\phi]: [\sigma (e_1)_\phi]$	Estado de coisas
$(ep_1): [[\sigma (ep_1)_\phi]$	Episódio
$(p_1): [\sigma (p_1)_\phi]$	Conteúdo proposicional

No nível representacional, as unidades linguísticas são descritas em termos do tipo de entidade que elas designam. Para a GDF, o conteúdo proposicional (constructo mental, crença, desejo) é a camada mais alta do Nível Representacional. Segundo Hengeveld e Mackenzie (2008), os conteúdos proposicionais podem ser *factuais*, quando são porções de conhecimento ou uma crença acerca do mundo real, ou *não-factuais*, quando são desejos ou expectativas com relação a um mundo imaginário. Além disso, para os autores, os conteúdos proposicionais são caracterizados pelo fato de serem qualificados em termos de suas atitudes proposicionais (certeza, dúvida, descrença) em relação ao evento ou em termos de sua fonte ou origem do conhecimento (conhecimento comum partilhado, evidência sensorial, inferência).

Organizados, assim, de forma hierárquica, os conteúdos proposicionais contêm episódios (ep), que podem ser constituídos por um ou mais eventos dispostos numa sequência tematicamente coerente, apresentando, sempre, uma unidade temporal (t), locativa (l) e uma consequente manutenção dos indivíduos (x) envolvidos. No modelo da GDF, os eventos são caracterizados por uma ou mais *propriedades* ( $f_1$ ), que, por sua vez, podem conter descrições de *indivíduos* (x) e outras *propriedades* ( $f_2$ ). Segundo Hengeveld e Mackenzie (2008), a categoria *episódio* admite modificadores de tempo absoluto (*ontem*,

*hoje, amanhã, etc.*), e a categoria *evento* admite apenas modificadores de tempo relativo (como *depois do almoço, em duas horas, na parte da manhã, etc.*).

### Os Níveis Morfossintático e Fonológico

Para Hengeveld e Mackenzie (2008), quanto mais se adentrar, em direção *top-down*, aos demais níveis do modelo (níveis morfossintático e fonológico), mais (trans)linguisticamente específicos os níveis se tornarão, uma vez que é no Nível Morfossintático que as representações interpessoais e representacionais são codificadas morfossintaticamente. Nesse nível de análise, sintagmas adposicionais são relevantes somente para algumas línguas, mas não para outras. Algumas línguas são do tipo morfológico isolante, e outras do tipo aglutinante. No nível morfossintático, a unidade linguística é analisada em termos de sua composição sintática (de seus constituintes sintáticos), começando da camada mais alta para a mais baixa: expressões linguísticas (Le), orações (Cl), sintagmas de vários tipos (Xp), e palavras de vários tipos (Xw). Ainda, segundo Hengeveld e Mackenzie (2008), é possível distinguir, dentro de cada palavra, morfemas de vários tipos (Xs) e afixos (Aff).

O modo como as categorias verbais são ordenadas em relação à raiz do verbo ilustra, por exemplo, como as hierarquias implicativas de caráter tipológico podem explicar a ordenação de informações linguísticas como *aspecto, modalidade, tempo, modo, negação, pessoa, evidencialidade e ilocução* nas línguas, em especial para mostrar como essas mesmas categorias podem ser expressas entre línguas com estruturas morfossintáticas distintas.

Já o nível fonológico contém tanto a representação segmental quanto a representação supra-segmental de um enunciado. Para Hengeveld e Mackenzie (2008), nesse nível de organização da GDF, a expressão linguística é analisada em termos de suas unidades fonológicas, tais como o *enunciado* (U), que é a camada mais alta do nível fonológico, a *frase intonacional* (IP), a *frase fonológica* (PP) e a *palavra fonológica* (PW), além das camadas denominadas *pé* (F) e *sílaba* (S). Conforme Hengeveld e Mackenzie, a GDF está mais preocupada com a influência da prosódia nas expressões linguísticas, isto é, com relação entre prosódia e função nas línguas.

### Os usos de ‘aí’ no português falado do interior paulista

Nesta seção, apresentamos a análise qualitativa dos usos de *aí* no português falado do interior paulista. O *corpus* de análise é composto por 38 inquéritos do tipo *Amostra Censo*, provenientes do Banco de dados IBORUNA, que é resultado do projeto de pesquisa intitulado “O português falado na região de São José do Rio Preto: constituição de um banco de dados anotado para seu estudo” (FAPESP, nº 03/080058-6). O referido projeto é coordenado pelo Prof. Dr. Sebastião Carlos Leite Gonçalves (IBILCE/UNESP) e pelo Grupo de Pesquisa em Gramática Funcional, também da Unesp de São José do Rio Preto – SP. Analisamos 1298 ocorrências de *aí* no total.

As ocorrências, a seguir, ilustram os diferentes usos de *aí*:

- (9) Inf.: ... as janelas de madeira ainda... as portas de duas folhas também de madeira... bem:... simples... meu pai pagava aluguel... dePO::is... passado uns anos meu pai alugou essa casa da FRENte que eu morava **aí**... **aí** só que quando eu mudei pra cá... a rua ainda era terra... não tinha asfalto... era terra ainda...(AC-098; DE: L. 165-170)

- (10) Inf.: não é um caso verdaDEiro que aconteceu... um amigo da gente um aluno daqui dessa Faculdade de Medicina então a gente ficou muito... éh:: chateado por um aciDENTE... que houve com um ônibus da da Cometa num sei se você tá lembrada... que morreu... um pessoa::l né e e:: infelizmente tinha um colega um amigo da gente junto né na na::... que TAva nesse ônibus né e e essa pessoa foi difícil éh:: ser reconhecida... éh: la no no local do acidente... SÓ conseguiram reconhecer ele dePOIS que ele estava com uma caixa de LÂmina... aqui da Faculdade de Medicina que ele levava pra São Paulo... final de semana pra ele poder estuDAR... pra pra:: fazer as PROvas... na na semana seguinte aqui na faculdade né... e:: ele só reconheceram esse aluno através dessa caixa de lâmina... né... que:: tinha a:: a:: o:: o nome da da nossa faculdade né que isso foi uma co/ e o RESto do pessoal... eles tiveram MAIS dificuldade pra reconhecer... as vítimas né e:: nesse caso **AÍ** foi enterrado gente... com nome de outras pesso::as (AC-101; NR: L. 65-77)
- (11) Inf.: eu coloco meia lata de leite condensado... e meia de leite de vaca... [Doc.: hum]...e coloco no fogo prá... e vou mexendo prá dissolver e:: dar uma amornada  
Doc.: não vai açúcar... aí?  
Inf.: não porque o leite... Leite Moça já é hiper doce né [Doc.: aham]  
Inf.: aí você jo::ga que ele vai... ele vai::... penetrar no bolo... aí cê joga basTAN::te coco ralado em cima né... tá **aí** o bolo de preguiÇosa... super gostoso... se não tiver o leite o condensado e nem o... num quiser fazer essa cobertura... prá comer com café também ele fica muito gostoso  
Doc.: <sup>55</sup>[sem a] cobertura fica bom? (AC-110; RP: L. 357-385)
- (12) Inf.: bom... [...] eu vô(u) começá(r) do começo... bom meu pai e minha mãe saíram à noite e me deixaram na minha tia c/ junto c'o meu irmão... e cê sabe a/ aquelas eles saíram seis e meia e seis e meia é aquela hora que todo mundo éh:: sai do servi::ço... tá tudo mundo mu/ muito cansa::do che/ queren(d)o chegá(r) lo::go com fo::me em ca::sa... e **aí**: tem mais risco de acontecê(r) um acidente... e foi o que aconteceu... meu pai e minha mãe... estavam:: éh:: indo na avenida Bady Bassi::tt... esquina com a Amara::l do lado do Pastorinho... (AC-008-NR; L. 38-74)
- (13) Doc.: <sup>1</sup>[cê (pôs) pa vendê(r)?]  
Inf.: eu vendi::a e eu perdi um pou/ eu perdi fiquei deven(d)o uma (parte) de dinheiro po cara lá... **aí** eu tive que roubá(r) pa pagá(r) (AC-025-NE; L. 12)
- (14) todo mundo vai achar ah liberou pra comprar vou comprar uma arma todo mundo vai querer comprar arma e é perigoso também porque se você vota não **aí** numa briga de acidentes lá o:: um familiar seu morre só porque:: no trânsito tava reclamando com o carro é complicado nenhuma dos dois é correto porque se você vota pra proibir as pessoas que vendem éh:: que vive disso de vender arma elas vão vender depois pra pra traficante (AC-045; RO: L. 297-312)
- (15) Doc.: M. eu gostaria que você me conta::sse alguma coisa que aconteceu com você:: algum fato que marcô(u) nu/ você:: de alguma maneira  
Inf.: quando eu tinha treze ano de idade... eu viajava muito eu ia mui::to pa casa da minha tia ficava lá:: passeava curtia e era:: muito novinha num tinha nem treze ano doze ano praticamente... **aí** eu conheci meu primo meu primo foi mui::to legal comigo foi uma pessoa muito boa eu gostava MUIto dele... **aí** ele foi me cativan(d)o num tanto... que em vez d'eu gostá(r) dele como primo eu gostei dele como homem ((risos))... **aí** a gente namorô(u):: a gente passeava jun::to só que a minha tia num queria o namoro... ela::... ela era con::tra porque eu era prima de::le... e ela era minha tia ele era meu primo por primeiro grau entendeu?... então:: num deu::... num deu certo... ele pegô(u) ele gostava mui::to de mim só que aí um:: lindo dia... eu fiquei/ eu tavo tão triste naquele dia foi o dia do meu aniversá::rio...((vozes)) eu tavo::...todo mundo comemorô(u)::... foi aquela fes::ta... **aí** ele chega com outra de mão dada... na minha frente... isso pra mim foi... o pior dia da minha vida... foi um dia que eu nunca vô(u) esquecê(r)... **aí** tava meus familia::res tava minha mã::e **aí** minha mãe olhô(u) assim:: num gostô(u):: ninguém gostô(u) do que ele fez... porque todo mundo sabia que a gente tinha né?... um namo::ro a gente fiCAva muito... só que aí num deu certo na hora que eu vi ele c'a moça **aí** eu... o ani/ o meu aniversário acabô(u) naquele dia pra mim... foi o dia mais terrível da minha

vida foi aquele dia... **aí** no outro dia ele tentô(u) se explicá(r) só que aí num deu certo mais... ele começô(u) a falá(r) – “ai eu num tenho nada com ela eu tô fican(d)o com ela” – eu falei – “não não nós dois num dá mais certo” – **aí**:: tudo bem passô(u) eu voltei embora pa minha casa... porque eu::... todas minhas férias eu ia pra lá... **aí** quando eu voltei eu fiquei sabên(d)o que a menina tava grávida...então num deu mais certo... **aí** ele falô(u) pra mim/ ele já tava moran(d)o com e::la praticamen::te nós dois num deu certo... **aí** eu falei pra ele assim – “olha vévi tua vi::da seja feliz... que eu vô(u) tentá(r) sê(r) feliz do meu jeito do meu modo” – **aí** desde aquele dia... acabô(u)... eu vim embo::ra e ele ficô(u) (AC-068; NE: L. 6-27)

- (16) Doc.: F. sabe uma hisTÓria assim que alguém:: te contô(u) cê não pode tê(r) participado sabe? pode sê(r) uma fofoca assim de aMI::ga... ou às vezes alguma coisa que aconteceu com seus pa::is alguma coisa que alguém te contô(u) tá joia?

Inf.: ah:: a M. já me contô(u) alg/ umas coisas **aí**... tipo a gente a gente foi no baile jun::to tal... mas:: a gente chega LÁ a gente fica lá dançan::(d)o e ela some... aí depois no final do baile ela vem tipo ela fala que vem me contan(d)o as coisas... daí:: ela:: me falô(u) que:: ela FOI ela ela era a fim de beijá(r) un::s menino lá... (AC-010-NR; L. 93-110)

- (17) Doc.: hum... tá e assim alguma história dos ne::tos do senhor na esCOla assim que os filhos... do senhor conta assim como que é os netos do senhor na escola assim eles... eles já estu::dam

Inf.: esTUdam tenho uma:: tenho duas neta tenho uma neta que já se/ já casou né e tem outra mocinha tá com uns qui/ quinze ano... e tem o o:: irmão delas deve tá com dez ano por **aí**... ele gosta de desenhar... precisa ver os desenho que ele faz desenha cacho::rro desenha ..que é a mãe de::le [Doc.: uhum] ele tem DOM de desenhar é um menino esse moleque precisava:: entrar numa escola aí.. de arte né pra ((os carros atrapalham novamente)) (AC-121; NR: L. 95-99)

- (18) Inf.: ah! sei uma... eu e meu primo E. [Doc.: uhm] nós tava jogan(d)o videogaa::me [Doc.: ham] só que a fita num era ne::m DELE... do amigo dele... aí nós pegô(u) lá colocô(u) lá ficô(u) jogan(d)o o jogan(d)o jogan(d)o jogan(d)o... deu um piriPAQUE lá na fita do menino [Doc.: uhm] depois o menino... foi lá e falô(u) assim – “o E. cadê minha fita?”... hum – “suMI::U” –

Doc.: e **aí**? o menino ficô(u) bravo?

Inf.: não agora o menino NE::M LEMbra mais que ele tem aquela fita

Doc.: tem mais alguma histori::nha que aconteceu com vocês ou não?

Inf.: tem... eu tava... nessa última vez que eu fui agora né? [Doc.: ham] eu fiz um pipa lá eu e meu primo (AC-007-NE; L. 10-31)

- (19) Inf.: a::migo meu...ele me contou uma história aí que deu até rolo né?...prá ele...foi assim a filha do pastor...[Doc.: hum ((concordando))] tava...namorando escondido com o o: o baixista...eu num tava sabendo né? esse moleque que... que me contou tudo isso aí... e esse moleque gostava dela...e aí que aconteceu ele gostava dela o outro começou namorar na/a namorar escondido e ela ficou sabendo que ele:: que ele gostava dela aí ficou aquele clima ruim né?...e aí eu falei – “Renan que cê vai fazer agora?” – **aí**:: ele falou – “num sei né?” – **aí**:: **aí** **aí** foi embora aí ele tentou a voltar a amiza::de e ela ficou com os dois ao mesmo tempo num dia só...

Doc.: virgem... aí é chato hein?...

Inf.: e **aí** foi mas é porque o pai dela proíbe né? <sup>17</sup>[e ge]ralmente quem proíbe sempre faz escondido...e **aí**...tanto que domingo retrasado ele descobriu né?... e:: ele proibiu os dois...de conversar de (telefonar) um pro outro e ela não quando quando acaba o culto ela não pode (sair) da igreja ela tem ficar lá dentro e agora eles fica lá lá dentro e:: esse amigo meu conta tudo pra mim... (AC-017-NR; L. 59-72)

Na ocorrência (9) o item *aí* atua como advérbio locativo (dêítico), que é tido como o mais concreto em relação aos demais usos de *aí*, nos quais o significado tende a ser mais gramatical. Em (9), o item *aí* funciona como argumento do verbo *morar*, cuja estrutura é de uma predicação. No entanto, em (10), o item *aí* se distancia de sua posição argumental para operar como advérbio anafórico, no plano textual, ampliando, portanto, o seu domínio

funcional. Nesse exemplo, o item *ai* faz referência anafórica ao trecho do texto em que se fala do acidente envolvendo um ônibus da viação Cometa. Em (11), por outro lado, o que se tem é um caso de *ai* que atua como advérbio catafórico, que nitidamente faz referência à expressão “o bolo de preguiçosa”.

Em (12), tem-se um caso de *ai* que funciona como advérbio relacional. Nessa ocorrência, o advérbio relacional *ai* atua entre dois conteúdos proposicionais, estabelecendo uma relação semântica mais frouxa de conclusão. Em (12), a relação semântica que se estabelece entre os dois conteúdos proposicionais permite a seguinte leitura: *a canseira do motorista pode levar a um acidente*. Já em (13), *ai* atua como conjunção coordenativa conclusiva, cuja leitura é reforçada pelo contexto. Em (14), o que se observa é um uso de *ai* como parte de uma construção correlativa, do tipo *se P...ai Q*, operando entre dois conteúdos proposicionais (do Nível Representacional).

Um uso de *ai* que é muito frequente no *cópus* (IBORUNA), mais especificamente em narrativas de experiência e narrativas recontadas, é o de introdutor de episódios. Como dito anteriormente, duas das principais características do episódio são a coerência e a sequencialidade temporal, que certamente estão presentes na ocorrência (15), em que o papel de *ai* é introduzir vários episódios que formam, de maneira coesa e sequencial, um evento discursivo maior. De forma resumida, os episódios podem ser entendidos como *blocos textuais* que apresentam os seguintes aspectos: a *ordem cronológica dos fatos narrados* (uma coisa depois da outra), a *coesão que aparece refletida nos usos de* assim, aí, então, depois *e outros elementos*, a *presença de marcadores temporais absolutos* (ou então a possibilidade de serem parafraseados por marcadores do tipo *ontem, no outro dia, hoje, etc.*) e também a *coerência textual*, que se faz presente na unicidade do assunto narrado. Dessa forma, a diferença entre o episódio, que é uma categoria semântica, e o tópico, que é uma categoria pragmática, reside basicamente no tipo de unidade a que um item linguístico se associa. O episódio é sempre composto por eventos (que são entidades que podem ser situadas no tempo e no espaço), enquanto o tópico constitui a entidade sobre a qual se fala, que, por sua vez, pode englobar tanto unidades semânticas quanto unidades pragmáticas. Em (15), o funcionamento de *ai* pode ser esquematizado como:

(15') *ai* ep, *ai* ep, *ai* ep, *ai* ep, *ai* ep, *ai* ep .... *ai* ep

Em (16), o item *ai* atua como operador aproximativo de subato referencial, conferindo ao sintagma nominal “umas coisas” o significado de imprecisão, incerteza ou mitigação. Ao usar essa estratégia, o falante está se reservando ao direito de não ter que revelar quais seriam “as coisas” que a amiga tinha lhe contado. Nesse caso, o que importa para o falante é apenas dizer que algumas coisas aconteceram. O mesmo acontece em (17), em que *ai* atua como operador aproximativo de subato adscritivo, representado pelo sintagma preposicionado “com dez anos”. O uso desse operador, em (17), confere ao subato adscritivo um valor aproximado da idade. Segundo Hengeveld e Mackenzie (2008), da mesma forma que há operadores aproximativos especializados na atribuição de significados imprecisos, incertos ou mitigadores a subatos referencial e adscritivo, há também operadores de exatidão, que são especializados na atribuição de significados precisos e exatos, como em “*O João mora bem ali em frente*”.

O item linguístico *ai* pode ainda operar na camada do Conteúdo comunicado como organizador de cadeias tópicas. Em (18), por exemplo, o item *ai* faz parte de uma

estrutura (*e aí?*) que é sempre utilizada pelo falante para manter a continuidade do tópico introduzido anteriormente no discurso. Há outros contextos, porém, em que o item *aí* é usado para inserir, retomar ou finalizar um tópico, como em (18<sup>o</sup>):

- (18<sup>o</sup>) Doc.: <sup>2</sup>[o que] o que foi marcante foi o que seu casamento não deu <sup>3</sup>[ce::r]to?...  
 Inf.: que é uma coisa que eu levava muito a sério negócio de casamento tinha que ter responsabilidade né? bom sempre pensei né? no casamento né?... ter uma FAMÍ::LIA só que:: aconteceu coisas muitos FO::RTE... **então aí** nós separamos... mas agora eu fico eu fico aqui na minha casa assim tenho duas filha (AC-089; NE: L. 342-343)

Em (18<sup>o</sup>), o item *aí*, em combinação com o *então*, é usado pela informante para finalizar o tópico sobre o fim do casamento. Nesse caso, é importante ressaltar que o item *aí* é responsável por finalizar um tópico que, por natureza discursiva, pertence à camada do Conteúdo Comunicado, do Nível Interpessoal. Uma outra informação relevante é que quase sempre o encerramento de tópico é também demarcado por alguma informação prosódica, como uma pausa que provoca uma ruptura na tessitura permanente do texto. É o que se observa em (18<sup>o</sup>), em que o item *aí* é utilizado pelo falante para retomar, após a inserção de um comentário, o tópico em andamento:

- (18<sup>o</sup>) Inf.: não pode demonstrar nojo e tem que encarar tudo que vier porque o ser humano é:: meio complicado né e tinha e ele [outro enfermeiro] mas ele era muito noje::nto e parece que as pessoas mais nojenta é que então é meio é um fato meio nojento <sup>3</sup>[é uma] Doc.: <sup>3</sup>[não]  
 Inf.: história meio nojenta ((alguém pigarreia)) **aí (então)** ele com toda aquela delicadeza aquela frescura de NOjo e e/ tinha uma senhora be::m idosa e ela tinha problema de intestino [Doc.: hum ((concordando))] e quando tem problema às vezes no caso hoje eu não sei se usa ainda mais mas naquela época usava colocava uma sonda no reto... (AC-105; NR: L. 171-178)

No exemplo (18<sup>o</sup>), *aí* cumpre o papel de retomar o assunto em pauta, que é interrompido pela introdução de um comentário (digressão) do próprio informante. Ao mesmo tempo em que retoma o tópico em questão, o item *aí* (em combinação com *então*) aponta para o desenvolvimento subsequente da interação.

Por fim, a ocorrência (19) exemplifica um caso de *aí* que atua como marcador discursivo. Trata-se de um uso discursivo que está relacionado ao processamento cognitivo do texto/interação, ou seja, é uma estratégia discursiva empregada pelo falante para ganhar tempo enquanto processa o seu discurso ou para organizar o que ele vai dizer logo em seguida. Esse uso é o que se assemelha aos casos de preenchedor de pausa analisados por Martelotta et al (1996). Em termos de GR, os usos de *aí* como marcador discursivo e introdutor de ato discursivo são os mais abstratos, expressivos e os mais gramaticalizados. O exemplo (20) traz um *aí* como introdutor de ato discursivo:

- (20) Doc.: sabe o que eu queria que cê me contasse também se puDESSE como foi/ como você conheceu seu... <sup>2</sup>[atual] namorado...  
 Inf.: <sup>2</sup>[namorado?] ahn... éh:: foi assim eu tava numa casa de uma colega MINHA... **aí** ela falou assim que tinha que apresentar uns menino queria apresentar uns menino **aí** no meu dos menino tava ELE **aí** foi assim amor à primeira vista... [Doc.: hum] **aí**: ele pegou e pe/pe/ perguntou se eu queria ficar com ele eu falei que eu queri::a a gente começou ficar naquele dia **aí** passaram uns dois meses a gente num se viu mais... [Doc.: hum] **aí** do nada eu encontrei ele assim **aí** a gente começou ficar de novo ele pediu eu em namo::ro (AC-034; NE: L. 15-24)

Em (20), há dois movimentos claramente definidos, um de iniciação (que é a pergunta do documentador) e outro de reação (que é a resposta do informante). O movimento de reação é composto por vários atos discursivos que são introduzidos pelo item linguístico *ai*. Assim como os episódios, os atos discursivos em (20) são organizados de forma coesa e coerente. Ademais, pode-se dizer ainda que entre os atos discursivos existem relações de dependência e independência:

- (20<sup>o</sup>) Doc.: [sabe o que eu queria que cê me contasse também se puDESSE como foi/ como você conheceu seu... <sup>2</sup>[atual] namorado]<sub>movimento de iniciação</sub>  
 Inf.: [<sup>2</sup>namorado?] ahn... éh:: foi assim [eu tava numa casa de uma colega MINHA]<sub>ato discursivo nuclear</sub> ...  
**ai** [ela falou assim que tinha que apresentar uns menino queria apresentar uns menino]<sub>ato discursivo subsidiário</sub>  
**ai** [no meu dos menino tava ELE]<sub>ato discursivo subsidiário</sub> **ai** [foi assim amor à primeira vista]<sub>ato discursivo subsidiário</sub> ... [Doc.: hum] **ai**: [ele pegou e pe/pe/ perguntou se eu queria ficar com ele eu falei que eu queri::a a gente começou ficar naquele dia]<sub>ato discursivo subsidiário</sub> **ai** [passaram uns dois meses a gente num se viu mais...]<sub>ato discursivo subsidiário</sub> [Doc.: hum] **ai** [do nada eu encontrei ele assim]<sub>ato discursivo subsidiário</sub> **ai** [a gente começou ficar de novo ele pediu eu em namo::ro e a gente tá até ho::jê]<sub>ato discursivo subsidiário</sub>  
 movimento de reação

Na representação em (20<sup>o</sup>), notamos que entre os atos discursivos que compõem o movimento de reação existem relações de dependência, tais como as que ocorrem entre os atos discursivos subsidiários e o ato discursivo nuclear. Nesse caso, os atos discursivos subsidiários introduzidos por *ai* carregam informações secundárias que *explicam* o que aconteceu quando a informante estava na casa de sua colega.

### Algumas generalizações: o percurso de mudança de ‘ai’

Relacionando as ocorrências de *ai* às diferentes categorias semânticas e pragmáticas dos níveis Representacional e Interpessoal, temos o seguinte:

**Quadro 3: Correlação entre o item ‘ai’ e os níveis da GDF**

ITEM	Categorias da GDF							
	Nível Representacional					Nível Interpessoal		
	f	x	e	ep	p	C	A	M
<i>ai</i>	-	-	+	+	+	+	+	-

A análise dos dados de *ai* sugere uma trajetória de GR que parte das camadas do Nível Representacional, em especial a camada do evento, em direção às camadas do Nível Interpessoal, como as camadas do conteúdo comunicado e ato discursivo. Esse percurso de mudança envolve alterações morfofossintáticas, pelo fato de o item *ai* assumir outras posições sintáticas e integrar outros paradigmas funcionais, e também alterações semânticas e pragmáticas (SOUZA, 2009). Quanto às mudanças semântico-pragmáticas, o que se observa em *ai* é a persistência de alguns traços semânticos da forma-fonte nos usos mais gramaticalizados (HOPPER, 1991), como as de lugar e proximidade.

Nesse sentido, o percurso de mudança de *ai* sugere a seguinte escala de GR:

**Quadro 4. O percurso de GR de ‘aí’ na GDF**

<b>Categorias representacionais</b>	<b>Categorias interpessoais</b>
evento > episódio > proposição	> conteúdo comunicado > ato discursivo

Como se vê no quadro 4, o percurso de mudança linguística de *aí* no português falado do noroeste paulista sugere que há um processo de GR que começa no Nível Representacional (nas camadas do evento, episódio e conteúdo proposicional) e termina no Nível Interpessoal (nas camadas do Conteúdo comunicado e Ato discursivo, sendo o evento, em geral, a camada-fonte do processo de GR e o ato discursivo a camada-alvo).

### Considerações finais

Com base nas categorias semânticas e pragmáticas da GDF, mostramos que o uso mais concreto de *aí*, o de advérbio dêitico, está situado na camada do evento (na predicação), do Nível Representacional, e, à medida que esse item vai assumindo outras funções na língua, tais como a de advérbio anafórico, advérbio catafórico, introdutor de episódios, advérbio relacional e conjunção coordenativa e subordinativa (funções textuais) e introdutor de Conteúdo comunicado, operador aproximativo de subatos referencial e adscritivo, marcador discursivo e organizador de tópico (que são funções interacionais), ele passa também a operar em outras camadas de organização dos níveis Representacional e Interpessoal, percorrendo uma trajetória unidirecional de mudança, que vai do menos gramatical para o mais gramatical [Semântico → Pragmático]:

**Quadro 5: Trajetória de GR de ‘aí’ no português contemporâneo**

Deitico > fórico > introdutor de episódio > advérbio relacional > conjunção coordenativa/conjunção subordinativa/conjunção correlativa > operador de subato adscritivo/ operador de subato referencial > organizador de tópico > introdutor de ato discursivo > marcador discursivo.
--

De certo modo, o item linguístico *aí*, mais especificamente o seu percurso de GR, pode ser explicado com base no esquema de Hengeveld e Mackenzie (2008):

$$(21) \quad (\pi \alpha_1; [(complexo) núcleo] (\alpha_1): \sigma (\alpha_1))_{\phi}$$

No esquema acima, o núcleo representa o primeiro restritor (obrigatório) e o modificador ( $\sigma$ ) é definido como o segundo elemento restritor (pode designar lugar, espaço, etc.). O núcleo só é considerado complexo quando um número de itens coordenados define hierarquicamente uma unidade superior. Já os meios gramaticais são divididos em operadores ( $\pi$ ) e funções ( $\phi$ ). Na GDF, os operadores captam as propriedades não-relacionais expressas gramaticalmente, enquanto as funções captam as propriedades relacionais expressas também gramaticalmente. No nosso caso, o item *aí* é definido como núcleo quando atua como termo argumental e como modificador quando atua como advérbio de lugar (l). A partir do momento em que ele passa a operar na camada do Conteúdo Comunicado, *aí* atua como operador aproximativo de subatos adscritivo e referencial. Por fim, nos casos em que se encontra mais gramaticalizado, o item *aí* passa a exercer as funções de organizador de tópico, introdutor de ato discursivo e marcador discursivo, descrevendo o seguinte percurso de GR: núcleo (lexical) → modificador (lexical) → operador (gramatical) → função (gramatical).

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARBOSA, J. *Gramática philosophica da língua portuguesa*. Lisboa: TARS, 1881.
- BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. Rio de Janeiro: Lucerna, 1999.
- BRAGA, M. L. *Aí e Então e a hipótese da trajetória universal*. In: NEVES, M. H. M. (Org.). *Descrição do português*. Araraquara: Acadêmica, 2001. p. 13-23.
- \_\_\_\_\_; NARO, A. A interface sociolinguística/gramaticalização. *Gragoatá*, Niterói, n. 9, p.125-134, 2000.
- \_\_\_\_\_; PAIVA, M. C. Do advérbio ao clítico é isso aí. In: RONCARATI, C. N. (Org.). *Português Brasileiro: contato linguístico*. RJ: TB, 2003. p. 206-213.
- BYBEE, J. Mechanisms of change in grammaticalization. In: JANDA, R.; BRIAN, J. (Eds.). *Handbook of historical linguistics*. Oxford: Blackwell, 2003. p. 602-23.
- CASTILHO, A. A gramaticalização. *Estudos Linguísticos e Literários*, Salvador, v. 19, p. 25-64, 1997.
- CUNHA, C. F.; CINTRA, L. *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- DIK, S. C. *The theory of functional grammar*. Nova York: Mouton de Gruyter, 1997.
- ERMAN, B.; WARREN, B. The idiom principle and the open choice principle. In: KLEIN, W. (Org.). *Linguistic: an interdisciplinary journal of the language sciences*. Berlin: MG, 2000. p. 29-62.
- HEINE, B. et al. From cognition to grammar. In: TRAUOGOTT, E. C.; HEINE, B. (Orgs.). *Approaches to grammaticalization*. Amsterdam: J. Benjamins, 1991. p. 149-87.
- HENGEVELD, K.; MACKENZIE, J. L. *Functional Discourse Grammar: A typologically based theory of language structure*. Oxford: OUP, 2008.
- HOPPER, P. On some principles of grammaticalization. In: TRAUOGOTT, E.; HEINE, B. (Eds.). *Approaches to grammaticalization*. Amsterdam: J. Benjamins, 1991. p. 17-35.
- \_\_\_\_\_; TRAUOGOTT, E. *Grammaticalization*. Cambridge: CUP, 1993.
- ILARI, R. et al. Considerações sobre a posição dos advérbios. In: CASTILHO, A. (Org.). *Gramática do português falado*. Campinas: Ed. UNICAMP, 1990. p. 63-141.
- KEIZER, E. The lexical-grammatical dichotomy in FDG. *Revista Alfa*, Advances in Functional Discourse Grammar, São Paulo, v. 51, n. 2, p. 35-56, 2007.
- LONGHIN-THOMAZI, S. R. Gramaticalização, (inter)subjativização e modalidade epistêmica: o caso de 'assim'. *Estudos Linguísticos*, São Paulo, n. XXXV, 2006, p. 1772-1779.
- LOPES-DAMÁSIO, L. R. *A emergência do marcador discursivo assim sob a óptica da gramaticalização: um caso de multifuncionalidade e (inter)subjativização*. 2008. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos). IBILCE/UNESP, São José do Rio Preto.
- MARTELOTTA, M. E. et al. *Gramaticalização no português do Brasil: uma abordagem funcional*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro/UFRJ, 1996.

- NEVES, M. H. M. Os advérbios circunstanciais de lugar e tempo. In: ILARI, R. (Org.). *Gramática do português falado*. v. II. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1992. p. 261-295.
- OLIVEIRA, M. R.; MELO, E. T. Ordenação dos locativos *aqui* e *ali*. In: CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOGIA, VII, Rio de Janeiro, UFF, 2003. (comunicação)
- PAIVA, M. C. Proformas adverbiais e encadeamento dêitico. In: RONCARATI, C. N. (Org.). *Português Brasileiro: contato linguístico, heterogeneidade e história*. Rio de Janeiro: TB, 2003. p. 132-143.
- RONCARATI, C. Domínios referenciais e a hipótese da trajetória universal. In: \_\_\_\_\_ (Org.). *Português Brasileiro: contato linguístico, heterogeneidade e história*. Rio de Janeiro: TB, 2003. p. 144-159.
- SCHILLER, E. *Why do creoles have serial verb constructions*, 1999. Disponível em: <[http://www.ericshiller.com/ling/papers/why\\_svc](http://www.ericshiller.com/ling/papers/why_svc)>. Acesso em: 26 nov. 2007.
- SEBBA, M. *The syntax of serial verbs*. Amsterdam: J. Benjamins, 1987.
- SOUZA, E. R. F. *Gramaticalização dos itens linguísticos assim, já e aí no português brasileiro*. 2009. Tese (Doutorado em Linguística) - IEL/UNICAMP, Campinas.
- SWEETSER, E. *From etymology to pragmatics: metaphorical and cultural aspects of semantic structure*. Cambridge: Cambridge University Press, 1991.
- TRAUGOTT, E. From propositional to textual and expressive meanings. In: LEHMMAN, W.; MALKIEL, Y. (Eds.) *Perspectives on historical linguistics*. Amsterdam: John Benjamins, 1982. p. 245-271.
- \_\_\_\_\_. Subjectification in grammaticalization, In: STEIN, D.; WRIGHT, S. (Eds.) *Subjectivity and subjectivisation*. Cambridge: CUP, 1995. p. 31-54.
- \_\_\_\_\_. From subjectification to intersubjectification. In: RAYMOND, H. (Ed.). *Motives for Language Change*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003. p. 124-139.